

CÂMARA CASCUDO E OS LATINOS DA AMÉRICA: DIÁLOGOS CULTURAIS NA DÉCADA DE 1920

Joatan David Ferreira de Medeiros (IFRN)

Resumo: Este trabalho pretende desenvolver uma reflexão inicial sobre textos publicados por Luís da Câmara Cascudo no livro *Joio* (1924), cujas temáticas giram em torno das produções de autores argentinos, com vistas a compreender de que maneira seus escritos se relacionam com o pensamento literário latino-americano na década de 1920. Os diálogos estabelecidos com esses autores expressavam esforços de aproximação e de intercâmbio de ideias, sentimentos, conhecimentos e valores entre o Brasil e a Argentina, vindo a ganhar espaço na obra do escritor potiguar, sobretudo, na terceira década do século XX.

Palavras-chave: Câmara Cascudo; Literatura latino-americana; Modernismo brasileiro e vanguardas argentinas.

Resumen: Este trabajo plantea como objetivo desarrollar una reflexión inicial sobre textos publicados por Luís da Câmara Cascudo en el libro *Joio* (1924), cuyos temas giran en torno a las producciones de autores argentinos, con la finalidad de comprender cómo sus escritos se relacionan con el pensamiento literario latinoamericano en la década de 1920. Los diálogos con esos autores expresaban esfuerzos de acercamiento e intercambio de ideas, sentimientos, conocimientos y valores entre Brasil y Argentina, y conquistaron espacio en la obra del escritor potiguar, especialmente, en la tercera década del siglo XX.

Palabras clave: Luís da Câmara Cascudo; Literatura latinoamericana; Modernismo brasileño y vanguardias argentinas.

1. Um homem do mundo e do seu canto de muro

No início da palestra intitulada *Câmara Cascudo – Homem da província*, proferida no dia 29 de dezembro de 1964, no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, em Natal, Nilo Pereira faz referência ao escritor potiguar como sendo um homem apegado ao seu lugar, que não precisou, portanto, cruzar os seus limites geográficos para transcender a outros espaços intelectuais. Não deixando morrer os talentos da área aparentemente submersa onde vivia, “pôs a província na órbita do nacional e internacional” (PEREIRA, 1969, p. 51). Esse homem da província, como afirma repetidamente,

[...] alongou-se em homem do mundo, nas diversas latitudes do espírito humano. Quanto isso honra o Rio Grande do Norte! Quem, mais do que Cascudo, homem ao mesmo tempo de Natal e de qualquer parte; quem mais do que êle, conhecido e havido pelas mais diferentes atividades intelectuais – historiador, pesquisador, antropólogo, folclorista, biógrafo, escritor – marcando tudo isto com um sinal muito seu de trabalho e erudição; quem, mais do que êle, projetando-se do seu canto, do seu silêncio, sem forçar nunca a publicidade e o elogio, sobre o cenário cultural do País e do Estrangeiro? (PEREIRA, 1969, p. 51).

É esse homem da província, do mundo, de qualquer parte, que interessa nesta reflexão. Esse entusiasta, incentivador da cultura, divulgador do modernismo brasileiro, das vanguardas latino-americanas, escritor e crítico literário que, tendo reivindicado os valores locais em sua produção intelectual, não deixou de se esforçar para pôr a província em dia com as aventuras do espírito que em outros lugares se descortinavam. Um Cascudo de espírito regional e cosmopolita e consciente das condições do ambiente social no qual vivia.

Fazem parte desse projeto dialético de Câmara Cascudo as publicações *Alma Patrícia* (1921), que terá para o pensamento intelectual da província a função de sistematizador da atividade artístico-literária, e *Joio* (1924), que mostra um escritor preocupado com os novos caminhos do pensamento intelectual brasileiro (FERREIRA, 2000, p. 20-50). *Joio* destinava-se a um leitor mais focado em assuntos nacionais e que, de certo modo, já satisfazia a um projeto de leitores modernistas. Com relação a isso, podemos dizer que estão presentes no pensamento estético cascudiano traços que apontam para uma das tensões presentes no processo de formação da literatura brasileira, denominada nos estudos de Antonio Candido de “dialética do localismo e cosmopolitismo” (CANDIDO, 2006, p. 117), ou seja, a grande questão é a de como se nutrir a arte com as características locais, sem perder de vista a sua finalidade mais ampla e universal. Segundo Araújo (1995, p. 48), Câmara Cascudo exerceu, durante todo o decênio de 20, o papel fundamental de colocar a intelectualidade da província atualizada com as transformações que se processavam na esfera cultural do país, agindo no sentido de descobrir e divulgar novos valores. É importante ressaltar que Natal, para os parâmetros da época, podia ser caracterizada como uma capital sediada numa cidade pequena (ARRAIS, 2008, p. 25). Permanecia um “vale branco entre coqueiros”, como a descreveu o poeta Ferreira Itajubá. No entanto, segundo Arrais (2008, p. 25-26):

Natal não estava indiferente às correntes de ideias que circulavam no mundo. Sobre ela respingariam as ondas que partiam da Europa e dos Estados Unidos naquele período agitado da história do Ocidente – ideias, conceitos, conhecimentos científicos, imagens, máquinas, mercadorias. Na cidade comumente descrita como um pequeno aglomerado assentado sobre um tabuleiro estéril e isolado pelas dunas, pelo rio e pelo mar, muito longe do fogo da Guerra de 1914, respirou-se a atmosfera otimista do pré-Guerra mesmo depois que essa atmosfera havia se dissipado entre os europeus.

A província, desse modo, assim como as maiores metrópoles do país, também se viu inserida em um conjunto de ideias, valores e sentimentos que corriam o mundo num espírito de modernidade. No que se refere aos elementos culturais, relacionados a essa modernidade, pode-se afirmar, segundo Araújo (1995, p. 26), que eles chegaram a Natal reforçados por dois fatores que muito contribuíram para as mudanças ocorridas nessa década:

A intensificação do comércio do algodão com o mercado inglês e a inauguração da aviação comercial que, facilitada pela posição geográfica da cidade, foi a grande novidade na pacata Natal dos anos 20. Com isso, dois elementos entram para as páginas principais da imprensa de então: automóveis e aviões.

Os anos de 1920, assim, são marcados pela era automobilística que condiciona os rumos do espaço urbano da capital potiguar. Entre essas mudanças provocadas pela modernização da cidade, também se destaca o aumento considerável das fontes de trabalho, promovendo o fluxo de pessoas dentro do próprio país, ou advindas de outras nações, para atuarem nas obras urbanas do lugar.

Tratando de uma situação semelhante, Zanetti em sua discussão sobre os possíveis fios condutores para definir a literatura latino-americana, registra o fato de as mudanças provocadas pela modernização trazerem pretensões cosmopolitas que “imprimiram um ar comum à vida urbana latino-americana, perceptível inclusive em cidades marginalizadas, nas quais se faziam ainda mais palpáveis os contrastes com os costumes antigos” (ZANETTI, 1994, p. 4. Tradução nossa). Na ocasião, a autora argentina cita uma reflexão de Luiz E. Valcárcel, em que o historiador peruano recorda sua infância em Cuzco, com seus 19.825 habitantes que, em 1912, sob a luz de querosene e sem serviços públicos, consumiam produtos estrangeiros. A Cuzco descrita por Valcárcel pode ser facilmente comparada com a Natal do início do século XX, que

contava com aproximadamente 16.000 habitantes, iluminada por Lâmpioes e querosenes, e que só terá a introdução dos serviços públicos de eletricidade no ano de 1911 (ARRAIS, 2008, p. 25 e 98).

Assim, embora a cidade de Câmara Cascudo, bem como a de Valcárcel, não fosse um centro regional, sofria um processo de modernização que em seu núcleo urbano tornava mais evidente a diferenciação entre os novos elementos da modernidade introduzidos e os velhos elementos que permaneciam na estrutura social e na cultura.

Partimos então do pressuposto de que a cultura da modernidade encontra processos semelhantes no sistema de vinculação entre os grandes centros e o interior, guardadas as devidas proporções e as variações notáveis, na América Latina.

No âmbito da literatura, tanto no movimento modernista brasileiro como nos seus equivalentes hispano-americanos, notava-se que as sugestões das ideias e do pensamento vigentes que chegavam ao interior, vindos dos grandes centros, encontravam um terreno relativamente fértil para assimilação.

Câmara Cascudo, nessa perspectiva, é considerado um dos mediadores e incentivadores do intercâmbio de ideias entre as regiões do país e, mesmo que os estudos sobre seus escritos não adentrem tanto no seu esforço em aproximar as nações latino-americanas, sua obra sugere esse vínculo em prol de um lugar comum e fraterno.

Destaca-se o fato de que, na primeira metade do século XX, período em que se verifica o esforço dessas sociabilidades cultivadas por Câmara Cascudo, segundo Soares,

É possível ver nascer, em diferentes movimentos, a percepção de que a América – Espanhola, para uns, para outros Latina, ao envolver o Brasil – estava apta a desenvolver seus próprios “meridianos intelectuais”, podendo as nações que a integravam buscar inspiração e referência umas nas outras, e não apenas no Velho Mundo, cujo modelo foi por muito tempo tomado como única possibilidade de superação da “barbárie” local. (SOARES, 2006, p. 241).

Essa reflexão nos permite identificar outro traço fundamental que caracteriza a produção intelectual do escritor potiguar: o pensamento da transculturação, termo aplicado à análise literária pelo escritor uruguaio Ángel Rama (1926-1983) em seus estudos sobre a literatura e cultura na América Latina. De acordo com Rama, aproximando-se da perspectiva crítica da dialética de Antonio Candido,

Os escritores que em suas obras desenvolvem processos de transculturação respondem às circunstâncias e especificidades das culturas dentro das quais se formaram, às proposições e imposições exercidas sobre elas pela cultura modernizadora e, portanto, ao tipo de conflito que é gerado entre ambas. (RAMA, 2001, p. 225).

O olhar desse novo intelectual latino busca superar, assim, o discurso ora de afirmação premeditada do nacionalismo literário, ora do declarado conformismo diante dos padrões europeus, para abraçar naquele momento o projeto de diálogo entre as nações em defesa de uma práxis libertadora, reforçada por uma tomada de consciência sobre a realidade do seu lugar e sua cultura de origem.

2. Cascudo e a Argentina Intelectual

A confirmação do contato de Câmara Cascudo com escritores estrangeiros ao longo dos anos de 1920 é um fato atestado pelo próprio autor em seu livro *Joio*: páginas de literatura e crítica (1924), ao dedicar um capítulo inteiro às obras e escritores argentinos, intitulado “Argentina Intellectual”.

No texto que trata da obra de Moises Kantor, um dos grandes representantes do teatro moderno na Argentina, Cascudo (1924, p.137) confirma esse contato mais estrito com o estrangeiro: ““Botticelli vive su conflicto, no lo piensa””, dizia-me em carta Moises Kantor”. Ao longo de todo o capítulo, o escritor dá evidências desse contato, ao discorrer com precisão e crítica sobre os intelectuais platinos. Segundo Ferreira (2008, p. 80), a partir da constatação de dez textos que tratam do tema no material levantado na sua pesquisa¹, a divulgação de poetas e escritores estrangeiros se prolongará ao longo de todo o ano de 1924 e a Argentina aparece como sendo o país com maior número de poetas e intelectuais por ele divulgados.

A respeito desse conhecimento da obra dos argentinos, Joaquim Inojosa, em texto publicado no *Jornal do Comercio* (Recife, 1924), diz:

¹ Parte desses textos esparsos já foi identificada e discutida nas pesquisas de Ferreira (2000, 2008) e se encontra arquivado no acervo do projeto de pesquisa “Literatura e Memória Cultural: produções em diferentes momentos do século XX”, coordenado pelo Professor Dr. Humberto Hermenegildo de Araújo, vinculado à Linha de Pesquisa “Literatura e Memória cultural”, do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UFRN.

O Sr. Luiz da Câmara Cascudo conhece todo o Brasil, e trabalha numa obra de aproximação mental entre os escritores argentinos e brasileiros, especialmente nortistas. Mantém, com os primeiros, assídua correspondência, informando-os da movimentação literária do nosso país. (INOJOSA *apud* FERREIRA, 2000, p. 15-16).

Comprovando esse diálogo, Araújo (2012, p. 6) afirma que a ação de Câmara Cascudo como divulgador do modernismo, para além das fronteiras nacionais, teve como desdobramento a publicação de um artigo de divulgação do movimento brasileiro na Argentina, por Bráulio Sanchez-Saez, na revista *Caras y Caretas*. Segundo Joaquim Inojosa (*apud* ARAÚJO, 2012, p. 6), o argentino também traduziu *A Arte Moderna* para o espanhol.

No livro *Mário de Andrade e a Argentina: um país e sua produção cultural* como espaço de reflexão, Patrícia Artundo faz referência à atitude de Câmara Cascudo como intermediador entre Mário e os escritores argentinos Luiz Emilio Soto e Vignale. Em trecho do livro, Artundo afirma:

No que concerne ao Brasil e, particularmente, ao encontro de Mário com Soto e Vignale, os contatos iniciais foram estabelecidos em 1925 por meio de Luis da Câmara Cascudo, que atuou como intermediário entre uns e outros como se infere de sua correspondência com Andrade. Ele mesmo interessado em divulgar os autores argentinos como demonstrou em *Joio* (1924), já em 1923 a revista argentina *Inicial* havia publicado sua “Ronda de Muerte”. (ARTUNDO, 2004, p. 64)

Embora desconheçamos de que maneira Câmara Cascudo se relacionou com os jovens argentinos, esta amizade parece ter sido muito estreita. Ainda segundo a autora, Câmara Cascudo:

[...] não só remeteu ao escritor paulista um exemplar de *Versos de la calle* (1924) de Álvaro Yunque, mas, além disso, fez chegar a Soto o de *A escrava que não é Isaura* (1925). Esse envio propiciou o único artigo de relevância dedicado a Andrade durante os anos de 1920 na Argentina – intitulado “Las nuevas Corrientes Estéticas em el Brasil: Um Importante Libro de Mário de Andrade” -, publicado por Soto em *Renovación* (1923-1930), a importante revista fundada por José Ingenieros, Aníbal Ponce e Gabriel Moreau. (ARTUNDO, 2004, p. 64).

O livro de Álvaro Yunque foi remetido a Mário de Andrade junto a uma carta, datada de 10 de junho de 1925, que expressava a opinião de Câmara Cascudo sobre o livro. Em missiva escreve o autor potiguar:

Mando um exemplar do livro de Yunque Versos de la Calle. Perdoe o papel. É a 2ª edição de 5 milheiros. E do ano passado. Esperando este livro demorei tanto a escrever-lhe que mereci um puxão d'orelhas. Yunque possui aquele “essencial expressivo” que V. encontrou em João Miramar. Para Luiz E. Soto, Yunque é o sentido poético da cidade moderna. Melhor V. julgará. É o livro que expressa uma nova orientação mental n'Argentina d'agora. Verso da rua com tinta segura e sem nuança. É o tema solitário. E a propósito do tema – receba o “Shimmy” que segue junto a esta carta. (CASCUDO, 2010, p. 44)

Embora Câmara Cascudo tenha interesse especial pelos platinos – fato que deve ser melhor problematizado *a posteriori* – suas publicações mencionam também outros grandes intelectuais do continente, entre os quais se destacam o escritor mexicano Amado Nervo, o nicaraguense Rubén Darío, o uruguaio Rodó, além dos vários escritores brasileiros que perpassam sua crítica literária.

O apreço pelos argentinos parece não se limitar ao gosto pelos que se dedicam à literatura. No seu livro *O homem americano e seus temas: tentativa de síntese*, publicado em 1933, onde trata das origens do homem americano, Câmara Cascudo faz referência à Ameghino, um dos grandes nomes da ciência nacional argentina que alcançou transcendência internacional. Como resultado dessa admiração, o escritor potiguar afirma: “Florentino Ameghino não é apenas uma glória da Argentina. É uma expressão cultural que honra todo o continente” (CASCUDO, 1992, p.7).

No trecho acima, fica evidente a preocupação de Câmara Cascudo com uma voz que fale em prol de um pensamento americano. Nesse sentido, a discussão que inicia o livro chama a atenção para outra problemática que permeia o tratamento dos temas ligados à América. Sendo o tema da origem do homem americano, do livro referido acima, um campo de controvérsias eruditas, parece complicado para o escritor a aceitação de qualquer opinião que não seja conivente com o posicionamento das sumidades da Europa. Nessa perspectiva, reitera que “aos americanos cumpre apenas concordar ou não ler o que escrevem sobre sua terra. A resposta de nossa parte fica dissolvida no silêncio. Esta é a suprema arma dos sem-argumentos” (CASCUDO, 1992, p.3).

Sua crítica a essa acomodação do pensamento na América aos liames do pensamento europeu reflete também um discurso carregado da necessidade de mudança do posicionamento diante dos nossos temas frente ao autoritarismo eurocêntrico. Em *Joio*, publicado em 1924, Câmara Cascudo já fazia referência a um Brasil de artistas inconscientes, onde poucos trabalham para um futuro. A esse respeito diz que:

A terra fecunda não regeita a semente malsã. Todas as tendências geram um proselytismo invasor, ruidoso, arroubado, que surge num rumor de combate e desaparece no silêncio de uma sombra. No meio do tumulto os Escolhidos trabalham para o futuro. (CASCUDO, 1924, p.132)

3. *Joio*: um projeto além Tordesilhas

Joio é o segundo livro publicado por Câmara Cascudo no campo da literatura. Nele, o autor está dividido entre o ficcionista e o crítico literário. Interessa-nos aqui as páginas de crítica do último capítulo do livro, intitulado “A Argentina Intellectual”, onde o escritor discute aspectos da produção literária de dez escritores argentinos: Benjamim de Garay, Moises Kantor, Santos Vega, Fernan Felix de Amador, Hugo Wast, Froylan Turcios, Salvador Alfredo Gomis, Ricardo Gutierrez, Horácio Quiroga e Arturo Capdevila. A escolha dos escritores é justificada pelo próprio autor, quando diz: Escolhi os escritores pela sua intensidade transmissora, nunca julgando a exuberância descritiva e arroubo dialético o verdadeiro merecimento. Sente-se perfeitamente a impressão mental e observada. (CASCUDO, 1924, p.151).

Além de objetivar a divulgação do movimento modernista brasileiro no Rio Grande do Norte, *Joio* reflete um aspecto fundamental das reflexões literárias de Câmara Cascudo: a necessidade de romper com as fronteiras geográficas e linguísticas do Brasil para estabelecer um diálogo mais eficiente com os demais países da América Latina. Essa necessidade é atestada logo no início do capítulo, quando faz referência a Benjamin de Garay, dizendo que o mesmo:

Afirma e define a superioridade de sua cultura, ligando pelos seus artistas e pensadores, a mentalidade da América Latina. Alicercia o porvenir dos povos fraternos, indicando no mesmo potencial anímico a solida realidade das literaturas comuns.

[...]

Ele próprio, poeta e jornalista, sente a afinidade entre os latinos da América. (CASCUDO, 1924, p. 133).

Ao mesmo tempo em que trata da Argentina intelectual, Câmara Cascudo relaciona-a com o continente, evocando também um Brasil intelectual. A exemplo dessa comparação, no texto que trata de Santos Vega, Câmara Cascudo afirma que “não há na literatura brasileira um movimento de carinho em derredor de um nome como os argentinos a Santos Vega.” (1924, p. 140).

Cascudo também revela através de suas leituras dos artistas platinos o espírito dialético do localismo e cosmopolitismo que se encontra na literatura vizinha. Ao discutir a obra de Hugo Wast, ele menciona: “Flor de Durazno”, “Casa de los Cuervos” e “Ciudad Turbulenta” sintetizam a obra de Hugo Wast. E’ a alma argentina desvendada em seu tríplice aspecto de amor, guerra e desejo, de campo, villa e cidade.(CASCUDO, 1924, p.158).

4. Considerações

Reconhecemos em Câmara Cascudo um intelectual que foi capaz de solucionar em sua ação cultural a tensão entre o universalismo e o regionalismo. Essa característica é bem definida nas palavras de Nilo Pereira (1969, p.54), em palestra sobre o escritor, quando se refere a ele como homem universal e provinciano, homem do mundo e do seu canto de muro. Nessas palavras, “O homem da província, [...] alongou-se em homem do mundo, nas mais diversas latitudes do espírito humano”.

Ainda que não exista uma pesquisa mais detalhada do contato de Cascudo com os artistas e intelectuais argentinos², alguns estudos, como o de Ferreira (2008), Artundo (2004) e Araújo (1995), assim como as correspondências pessoais do escritor trocadas com Mário de Andrade, Joaquim Inojosa e Monteiro Lobato durante a década de 1920, apontam para um intenso contato entre ele e os escritores argentinos.

² Os estudos mais aprofundados sobre o contato de escritores brasileiros com intelectuais argentinos na década de 1920 destacam as figuras de Mário de Andrade (ARTUNDO, 2004; MONEGAL, 1978) e Monteiro Lobato (RIBEIRO, 2008). Sobre a literatura hispano-americana, os escritores que se destacaram na época pelo interesse nessa temática são Manuel Bandeira (1960) e José Veríssimo (1986).

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Asas de Sófia: ensaios cascudianos*. Natal: FIERN; SESI, 1998.

_____. *Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte*. Natal: UFRN. Ed. Universitária, 1995.

_____. *Consciência Moderna e Movimentos: o modernismo nas cartas trocadas entre Câmara Cascudo e Joaquim Inojosa*. Relatório Final de Estágio de Pós-Doutorado. PPGTLLC/ FFLCH – USP. São Paulo, 2012, 162p.

ARRAIS, Raimundo; ANDRADE, Alenuska; MARINHO, Márcia. *O corpo e a alma da cidade: Natal entre 1900 e 1930*. Natal: EDUFRN, 2008.

ARTUNDO, Patrícia. *Mário de Andrade e a Argentina: um país e sua produção cultural como espaço de reflexão*. São Paulo: Ed. da USP, 2004.

BANDEIRA, Manuel. *Literatura hispano-americana*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1960.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Joio: páginas de literatura e crítica*. Natal: Off. Graph. d' Imprensa, 1924.

_____. *O homem americano e seus temas*. Edição Fac-similar de 1933. Mossoró: ESAM, 1992. (Coleção Mossoroense. Série C, v. 746).

_____. *Alma patrícia: crítica literária*. 2. ed. Natal: Fundação José Augusto, 1998.

_____. *Câmara Cascudo e Mário de Andrade: cartas 1924-1944*. Marcos Antônio de Moraes (Org.). São Paulo: Global, 2010.

FERREIRA, José Luiz. *Modernismo e tradição: leitura da produção crítica de Câmara Cascudo nos anos 20*. 2000. 135 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2000.

_____. *Gilberto Freyre e Câmara Cascudo: entre a tradição, o moderno e o regional*. 2008. 212 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

MONEGAL, Emir Rodríguez. *Mário de Andrade/Borges: um diálogo dos anos 20*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

PEREIRA, Nilo. *Câmara Cascudo: homem da província*. In: Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande Do Norte. *Luis da Câmara Cascudo: Sua vida e sua obra*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1969. p. 51-67.

RAMA, Ángel. *Ángel Rama: literatura e cultura na América Latina*. AGUIAR, Flávio Aguiar e, Sandra G. T. Vasconcelos (Orgs). São Paulo: Edusp, 2001.

RIBEIRO, Maria Paula Gurgel. *Monteiro Lobato e a Argentina: mediações culturais*. 2008. 242 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanholas e Hispano-americanas, Departamento de Letras Modernas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em:

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-07102008-171507/pt-br.php>.

Acesso em: 12 nov. 2013.

SOARES, Gabriela Pellegrino. Diálogos culturais latino-americanos na primeira metade do século XX. *Polifonia e Latinidade*, São Paulo, v. 1, n. 32, p.241-256, jun. 2006. Anual. Disponível em:

<<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2426/1516>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

VERÍSSIMO, José. *Cultura - Literatura e Política na América Latina*. São Paulo: Brasiliense, 1986

ZANETTI, S. Modernidad y religión: una perspectiva continental (1880-1916). In: PIZARRO, A. (Org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. Emancipação do discurso. São Paulo/Campinas, Memorial/Unicamp, 1995, v. 2.